

A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

HUNTING AND FACTORS THAT INFLUENCE THE USE OF CINEGETIC SPECIES: A REVIEW

Jeferson de M. Souza^{1*}, André Santos Landim³, Felipe S. Ferreira^{1,2,3}

Resumo:

As interações do homem com a fauna são influenciadas por fatores ecológicos, sociais e culturais que ditam a magnitude da pressão exercida sobre os recursos faunísticos. Nesse ponto, variáveis utilitárias como a preferência pelo sabor, abundância da espécie, tamanho corporal e variáveis subjetivas como a satisfação, crença, folclore, mitos e tabus alimentares estão diretamente ligadas aos sistemas de caça. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo copilar o estado da arte atual relacionado à caça e fatores que influenciam os padrões de uso da fauna. Foram selecionados 61 trabalhos (1 tese, 1 dissertação, 1 livro, 2 capítulos de livro e 56 artigos), para levantamento das informações acerca da caça tradicional, que tem como objetivo garantir a subsistência e obter produtos de origem animal para diversas finalidades. É registrado que animais são usados em mais de uma categoria de uso, sendo utilizados na alimentação, tratamento, empregados em rituais religiosos, mágicos; na produção de ornamentos, amuletos, servem como animais de estimação e são comercializados. Percebe-se que a produção científica acerca dos sistemas de caça é vasta e contribui de forma significativa para compreender a pressão que cada espécie sofre, como também propor padrões de caça gerais que possam contribuir na formulação de políticas públicas de conservação da fauna. No entanto, é possível constatar lacunas que demandam mais estudos, sendo necessário desenvolver trabalhos para analisar a influência do folclore, mitos e crenças nas interações do ser humano com a fauna.

Palavras-chave: Categorias de uso; variáveis socioecológicas; revisão bibliográfica; pressão de caça.

¹Programa de Pós Graduação em Ecologia e Evolução – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

²Núcleo de Estudos de Conservação da Caatinga (NECC)/Colegiado de Ecologia-UNIVASF.

³Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, Pernambuco, Brasil. Jefssersonn.ms@hotmail.com

Abstract:

Human interactions with fauna are influenced by ecological, social and cultural factors, which dictate the magnitude of the pressure exerted on faunal resources. At this point, utilitarian variables such as taste preference, species abundance, body size and subjective variables such as satisfaction, belief, folklore, myths and food taboos are directly linked to hunting systems. In this context, the present work aimed to compile the current state of the art related to hunting and factors that influence the patterns of fauna use. Fifty-three works (1 thesis, 1 dissertation, 1 book, 2 book chapters and 48 articles) were selected to collect information about traditional hunting, which aims to guarantee subsistence and obtain products of animal origin for various purposes. It is recorded that animals are used in more than one category of use, being used in food, treatment, employed in religious and magical rituals; in the production of ornaments, amulets, they serve as pets and are marketed. It can be seen that the scientific production on hunting systems is vast and contributes significantly to understanding the pressure that each species suffers, as well as proposing general hunting patterns that can contribute to the formulation of public policies for the conservation of fauna. However, it is possible to verify gaps that demand more studies, being necessary to develop works to analyze the influence of folklore, myths and beliefs in the interactions of the human being with the fauna

Keywords: Categories of use; socioecological system variables; literature review; hunting pressure.

1. Introdução

A relação do ser humano com a natureza foi moldada através de diversas interações utilitárias. No que diz respeito às relações com a fauna, a perspectiva trófica é primariamente associada às interações humanos/animais, uma vez que a fauna representa uma fonte de proteína acessível às populações a partir da caça (ALVES *et al.*, 2009; SILVA-NETO *et al.*, 2017).

A literatura registra diversos padrões de uso relacionados à fauna cinegética, em que levando em consideração as particularidades culturais de cada população humana, os animais caçados são usados como fonte de alimento, sendo consumidos em diversos modos de preparo. Ainda vivos, são utilizados como animais de estimação, empregados em apresentações culturais e vendidos. Partes corporais dos animais podem ser usadas para fins medicinais ou religiosos, cosméticos, ornamentos, ferramentas e vestuário (RIBEIRO *et al.*, 2007; ALVES *et al.*, 2012a; SILVA-NETO *et al.*, 2017; BARBOSA e AGUIAR, 2015; CHAVES *et al.*, 2018).

Os padrões de uso e a preferência de consumo da fauna em uma área dependem de fatores socioculturais, como a situação fundiária, ocupação, condição financeira e aspectos ecológicos, que dizem respeito à disponibilidade, tamanho corporal do animal, esforço de captura e condições ambientais do local (SILVA-NETO *et al.*, 2017; CHAVES *et al.*, 2018). As relações simbólicas criadas por cada população humana, como os tabus, crenças e folclore também interferem nos padrões de caça, uma vez que essa prática não é uma simples atividade de subsistência material, mas sim, uma forma de utilização de recursos da natureza que perpassa construções culturais, sociais, simbólicas e rituais (MENDONÇA *et al.*, 2011; SANTOS-FITA *et al.*, 2010).

Segundo Constantino (2018) os sistemas de caça são complexos e a compressão dos mesmos surge de perguntas como “Quem está caçando?”, “Para que estão caçando?”, “Em qual contexto estão caçando?”, “Como estão caçando?” e “Quando estão caçando e quais espécies estão sendo caçadas?”. Vários estudos foram desenvolvidos nas últimas décadas com o objetivo de trazer à tona essas respostas; a produção sobre a atividade cinegética é vasta testando diversas hipóteses, propondo teorias e analisando como variáveis ecológicas e culturais influenciam nos padrões de uso da fauna. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo copilar o estado da arte atual relacionado à caça e fatores que influenciam os padrões de uso da fauna.

2. Métodos

2.1 Caracterização do estudo

A presente pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica do tipo estado da arte de caráter qualitativa, natureza básica com objetivos descritivos e exploratórios. A revisão bibliográfica consiste em estudos realizados a partir da análise de materiais já publicados, como livros, artigos científicos, projetos de lei, dentre outros. Desenvolver uma revisão permite o contato direto com diferentes estudos, que têm em comum o mesmo objeto de estudo (SANTOS *et al.*, 2020). A abordagem qualitativa visa o aprofundamento de uma determinada temática, através da interpretação do fenômeno a partir da origem do mesmo, sem análise estatística (TERENCE e EXCRIVÃO-FILHO, 2006).

As pesquisas de cunho exploratório proporcionam maior familiaridade com o objeto de estudo, sendo adequado para o aprofundamento de ideias ou confirmação de hipóteses. Já os objetivos descritivos têm a função de descrever um determinado fenômeno, estudando as características de um tema dentro de um conjunto de dados. A natureza básica consiste em contribuir para a produção de novos conhecimentos, mas sem aplicação imediata (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

O levantamento do material bibliográfico foi realizado nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e Periódicos Capes. O recorte temporal foi de 1990 a 2022, considerando trabalhos escritos em português ou inglês e que desenvolveram pesquisas sobre a caça no Brasil, praticada por comunidades rurais e/ou tradicionais. Os descritores utilizados foram: Etnozoologia, caça, perfil sociodemográfico, fauna cinegética, tabu alimentar, Teoria do Forrageamento ótimo, métodos de caça, padrão de uso. Foram selecionados estudos etnozoológicos que discutissem padrões de uso da fauna cinegética, métodos e técnicas de caça, padrões de caça e que versassem sobre fatores sociais, culturais e ecológicos que influenciam na caça. Foram selecionados 61 trabalhos (1 tese, 1 dissertação, 1 livro, 2 capítulos de livro e 56 artigos), para levantamento das informações acerca da caça com fins utilitários, desta forma, não foram incluídos trabalhos de caça recreativa (Tabela 1).

39 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

Tabela 1 – Estudos incluídos na revisão bibliográfica

	AUTOR	TÍTULO	OBJETO DE ESTUDO	LOCAL DO ESTUDO	TIPO DE TRABALHO	REVISTA
1	ALVES <i>et al.</i> 2012	Animals for the Gods: Magical and religious use and trade in Brazil	Uso de animais domésticos ou selvagens para fins espirituais ou religiosos por adeptos do Candomblé.	Norte e Nordeste do Brasil (Caruaru, São Luís, Teresina, João Pessoa, Campina Grande e Belém	ARTIGO	Human Ecology
2	NOBREGA <i>et al.</i> 2011	Utilização de aves silvestres por moradores do município de Fagundes, Semiárido paraibano: uma abordagem etno-ornitológica	Uso de aves silvestres por populações humanas em áreas rurais	Fagundes-PB	ARTIGO	Sitentibus
3	FIGUEIREDO e BARROS 2015	"A comida que vem da mata": conhecimentos tradicionais e práticas culturais de caçadores na reserva extrativista Ipiaú-Anilzinho	Caracterização da atividade de caça de uma comunidade quilombola, com ênfase em aspectos ligados aos conhecimentos e práticas tradicionais	Baião-PA	ARTIGO	Fragments de Cultura
4	ALBUQUERQUE <i>et al.</i> 2019	Social-Ecology Theory of Maximization: basic concepts and two initial models	Propõe a Teoria Socioecológica da Maximização como alternativa para explicar o comportamento humano dentro de sistemas socioecológicos	Não se aplica	ARTIGO	Biological Theory
5	ALVES <i>et al.</i> 2009	Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil	Registrar técnicas de caça utilizadas por caçadores no semiárido	Pocinhos-PB	ARTIGO	Journal of Ehtnobiology and Ethnomedicine
6	ALVES e SOUTO 2011	Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives	Analisar a evolução da área da etnozoologia no Brasil e apontar perspectivas.	Não se aplica	ARTIGO	Journal of Ehtnobiology and Ethnomedicine

40 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

7	FERNANDES-FERREIRA 2014	A caça no Brasil: panorama histórico e atual	Estudo desenvolvido para registrar a evolução da discussão sobre a caça no país e registrar as principais espécies caçadas, estratégias de caça, etc.	Brasil	TESE	Não se aplica
8	BARBOZA <i>et al.</i> 2014	Aspectos culturais da zooterapia e dieta alimentar de pescadores artesanais do litoral paraense	Abordar diferentes práticas terapêuticas e alimentares (preferenciais e aversões) de pescadores artesanais	Ajurutena-PA	ARTIGO	Fragments da Cultura
9	BEGOSSI 1992	Food taboos at Búzios Island (Brazil): their significance and relation to folk medicine	Registrar a presença de tabus alimentares entre pescadores da Ilha de Búzios	Búzios, SP	ARTIGO	Journal of Ethnobiology
10	BEGOSSI <i>et al.</i> 2004	Food chain and the reasons for fish food taboos among Amazonian and Atlantic Forest fishers (Brazil)	Tabus alimentares presentes entre pescadores da floresta Atlântica	Araguaia-TO; Rio de Janeiro; São Paulo	ARTIGO	Ecological Applications
11	BRAGA <i>et al.</i> 2016	Preferências e tabus alimentares no consumo de pescado em Santarém, Brasil	Uso de recursos pesqueiros por moradores da cidade de Santarém-PA e aspectos relacionados a evitação de recursos	Santarém-PA	ARTIGO	Novos Cadernos NAEA
12	BRITO-JÚNIOR e ESTÁCIO 2013	Tabus alimentares em medicina: uma hipótese para fisiopatologia referente aos alimentos remosos	Tabus alimentares de comunidades na região Amazônica	Não se aplica	ARTIGO	Revista da Associação Médica Brasileira
13	ALVES <i>et al.</i> 2012	Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido brasileiro	Práticas cinegéticas direcionadas a vertebrados e seus usos no semiárido do estado da Paraíba	Cabeceiras e São João do Cariri-PB	ARTIGO	Tropical Conservation Science

41 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

14	CHAVES <i>et al.</i> 2018	A caça e a conservação da fauna silvestre no estado do Acre	Discutir a caça através do resgate histórico dos estudos elaborados no estado do Acre	Acre	ARTIGO	Biodiversidade Brasileira
15	COLDING e FOLKE 1997	The relations among threatened species, their protection, and taboos	Analisar a contribuição dos tabus alimentares para a conservação de espécies	Não se aplica	ARTIGO	Conservation Ecology
16	COSTA-NETO 2011	A zooterapia popular no estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais	Uso de animais como recursos medicinais no estado da Bahia	Não se aplica	ARTIGO	Ciência & Saúde Coletiva
17	FERREIRA <i>et al.</i> 2015	Conservation of animals traded for medicinal purposes in Brazil: can products derived from plants or domestic animals replace of wild animals?	Discutir a viabilidade em substituir animais silvestres por animais domésticos em tratamento terapêuticos	Capitais da região Nordeste do Brasil	ARTIGO	Regional Environmental Change
18	FISCHER <i>et al.</i> 2018	Uso de animais como zoterápicos: uma questão bioética	Abordar questões éticas no uso de animais como zoterápicos	Não se aplica	ARTIGO	História, Ciências, Saúde
19	GARDA <i>et al.</i> 2018	Os animais vertebrados do bioma Caatinga	Registrar a biodiversidade de vertebrados presentes no bioma Caatinga	Não se aplica	ARTIGO	Ciência & Cultura
20	HANAZAKI e BEGOSSI 2006	Catfish and mullets: the food preferences and taboos of caiçaras (southern Atlantic forest coast, Brazil)	Preferências e evitações de pescadores	São Paulo	ARTIGO	Intercieneci
21	JACOB <i>et al.</i> 2020	Animal-based food systems are unsafe: severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) fosters the debate on meat consumption	Discutir uso de carne de caça como forma de subsistência	Não se aplica	ARTIGO	Public Health Nutrition

42 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

22	LARREA-KILLINGER <i>et al.</i> 2019	Reima: Proibição de alimentos em comunidades de pescadores na Bahia, Brasil	Analisa o significado da "reima" dos alimentos como um conceito relacionado a um mal estar que afeta o corpo	Bahia	ARTIGO	Revista de Alimentação e Cultura das Américas
23	LEMOS <i>et al.</i> 2018	Caça de vertebrados no Parque Nacional da Serra do Divisor, Acre	O perfil da atividade de caça de uma comunidade tradicional do parque Nacional da Serra do Divisor, no sudoeste da Amazônia	Pé da Serra-AC	ARTIGO	Biodiversidade Brasileira
24	LIMA <i>et al.</i> 2014	Contribuições da etnozootologia para a conservação da fauna silvestre	Discutir a etnozootologia como ferramenta para conservação da fauna silvestre	Não se aplica	ARTIGO	Revista Ouricuri
25	LIMA <i>et al.</i> 2017	Percepções e crenças sobre fauna cinegética em uma região semiárida do Brasil	Crenças relacionadas à fauna cinegética de uma comunidade rural de Alagoas	Delmiro Gouveia-AL	ARTIGO	Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais
26	LIMA <i>et al.</i> 2018	Atividade de caça no semiárido Pontiguar sob a perspectiva de estudantes	Identificar animais silvestres capturados, formas de uso e técnicas de caça em dois municípios do estado do Rio Grande do Norte	Jaçanã e Coronel Ezequiel-Rio Grande do Norte	ARTIGO	Ambiente & Sociedade
27	LOSS <i>et al.</i> 2014	Aves silvestres utilizadas como recurso trófico pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Teresinha, Bahia, Brasil	Registrar espécies de aves silvestres utilizadas como recurso alimentar	Santa Teresinha-BA	ARTIGO	Gaia Scientia
28	MENDONÇA <i>et al.</i> 2012	Conflitos entre pessoas e animais silvestres no Semiárido paraibano e suas implicações para conservação	Documentar a atividade de caça voltada para o controle de animais considerados perigosos	Pocinhos-PB	ARTIGO	Sitentibus
29	PEREIRA e SCHIAVETTI 2010	Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas "Tupinambá de Olivença" (Bahia)	Registrar como caçadores indígenas "Tupinambá de Olivença" conhecem e usam a fauna cinegética	Una-BA	ARTIGO	Biota Neotropica

43 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

30	PEZZUTI 2004	Manejo de caça e a conservação da fauna silvestre com participação comunitária	Analisa o papel da participação comunitária na conservação de recursos faunísticos	Não se aplica	ARTIGO	PAPERS DO NAEA N° 235
31	PRADO <i>et al.</i> 2017	Preferências, tabus alimentares e uso medicinal de peixes na reserva de desenvolvimento sustentável Barra do Una, São Paulo	Analisar as preferências, os tabus alimentares e as indicações medicinais de espécies de peixes	Peruíbe, SP	ARTIGO	ETHNOSCIENTIA
32	CHAVES <i>et al.</i> 2020	Hunters' preferences and perceptions as hunting predictions in a semiarid ecosystem	Discute variáveis relacionadas com a preferência de recursos faunísticos	Pernambuco	ARTIGO	Science of the Total Environment
33	RAMOS <i>et al.</i> 2020	Hunting is a community of waste pickers of recyclable materials in Rondônia, Brazil	Avaliar o perfil de caçadores de comunidades rurais	Porto Velho-RO	ARTIGO	Revista Brasileira de Ciência da Amazônia
34	REIS <i>et al.</i> 2018	Caracterização do uso da fauna silvestre para subsistência em uma Unidade de Conservação no Oeste do Pará	Uso de fauna silvestre para subsistência	Pará	ARTIGO	Biodiversidade Brasileira
35	SANTOS <i>et al.</i> 2018	Comércio de caça na região da Estação Ecológica Raso da Catarina, Bahia, Brasil	Espécies caçadas na região do Raso da Catarina e suas importâncias para fins comerciais	Paulo Afonso	ARTIGO	Biodiversidade Brasileira
36	SANTOS <i>et al.</i> 2019	Use of mammals in a semi-arid region of Brazil: an approach to the use value and data analysis for conservation	Uso de mamíferos no semiárido	Solânea-PB	ARTIGO	Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine
37	SANTOS-FITA <i>et al.</i> 2010	'Offensive' snakes: cultural beliefs and practices related to snakebites in a Brazilian rural settlement	Percepção sobre cobras de comunidades no semiárido	Pedra Branca-BA	ARTIGO	Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine

44 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

38	VASCONCELOS-NETO <i>et al.</i> 2012	A caça com cães (<i>Canis lupus familiaris</i>) em uma região do semiárido do nordeste do Brasil	Avaliar a valoração dos cães na visão dos caçadores e determinar sua importância nas atividades de caça	Lagoa-PB	ARTIGO	Revista de Biologia e Farmácia
39	SILVA 2007	Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro (Amazonas, Brasil)	Analisa aspectos relacionados às escolhas e aversões alimentares entre as populações ribeirinhas	Amazônia	ARTIGO	Revista de Antropologia
40	SILVA <i>et al.</i> 2020	Use of game fauna by Fulni-ô people in Northeastern Brazil: implications for conservation	Analisa a influência de fatores como a sazonalidade, abundância e biomassa no uso de animais	Águas Belas-PE	ARTIGO	Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine
41	TELES <i>et al.</i> 2013	Uso místico-religioso da fauna comercializada em feiras livres nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte, Ceará, Nordeste do Brasil	Inventariar os animais que são comercializados para fins místico-religiosos nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte	Crato e Juazeiro do Norte- CE	ARTIGO	Etnobiología
42	ALVES <i>et al.</i> 2012	Traditional uses of medicinal animals in the semi-arid region of northeastern Brazil	Animais usados como zoterápicos no semiárido	Bom Sucesso-PB	ARTIGO	Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine
43	COLDING e FOLKE 2000	The taboo system: lessons about informal institutions for nature management.	Tabus alimentares	Não se aplica	ARTIGO	Envtl. Law Review
44	BONFIM <i>et al.</i> 2021	Saber sobre passáros: um entendimento entoornitológico dos moradores do povoado de Catuni da estrada, município de Jaguarari, no sertão baiano	Crenças associados a pássaros	Jaguarari-BA	ARTIGO	Revista Ouricuri
45	MOAZAMI 2005	Evil animals in the Zoroastrian religion	Registro de crenças religiosas associadas a animais	Não se aplica	ARTIGO	History of Religions
46	MAFFI e WOODLEY 2010	Biocultural diversity conservation: a global sourcebook	Aborda acerca a diversidade biocultural e relaciona animais com mitos e crenças	Não se aplica	LIVRO	Não se aplica

45 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

47	PACHECO 2011	Interdições alimentares em situações de liminaridade entre os índios Kiriri do sertão da Bahia	Restrições alimentares associados a estágios de adoecimento ou fragilidade física, em uma população tradicional	Bahia	ARTIGO	Espaço Ameríndio
48	PEZZUTI 2004	Tabus alimentares	Tabus alimentares associados a animais silvestres	Não se aplica	CAPÍTULO DE LIVRO	Não se aplica
49	ROBSON e BERKERS 2010	Sacred nature and Community conserved areas	Crenças associadas a locais sagrados	Não se aplica	ARTIGO	Nature and Culture
50	VERSCHUUREN 2006	An overview of cultural and spiritual values in ecosystem management and conservation strategies	Revisão sobre saberes e crenças culturais e espirituais associados a recursos naturais	Não se aplica	ARTIGO	Endogenous Development and Biocultural Diversity
51	SILVA-NETO <i>et al.</i> 2017	Assessment of the hunting of mammals using local ecological knowledge: an example from the Brazilian semi-arid region	Discute o conhecimento ecológico acerca de mamíferos em uma região de semiárido	Ceará	ARTIGO	Environment Development and Sustainability
52	ÁLVARES 2004	O lobo no imaginário popular	Discutir a figura do lobo e as percepções relacionadas ao animal por populações humanas	Não se aplica	CAPÍTULO DE LIVRO	Não se aplica
53	FERNANDES-FERREIRA 2011	Atividades cinegéticas em um brejo de altitude no nordeste do Brasil: etnologia e conservação	Caracterização das atividades cinegéticas na região nordeste	Nordeste	DISSERTAÇÃO	Não se aplica
54	FRANCESCONI <i>et al.</i> 2018	Hunters and hunting across indigenous and colonist communities at the forest-agriculture interface: an ethnozoological study from the Peruvian Amazon.	Caracterização das atividades cinegéticas de população indígena inserida na região Amazônica	Região Amazônica	ARTIGO	Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine

46 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

55	NUNES <i>et al.</i> 2020	Socioeconomic Drivers of Hunting Efficiency and use of space by traditional amazonias	Influência de fatores socioeconômicos no uso de recursos faunísticos	Amazônia	ARTIGO	Human Ecology
56	TEIXEIRA <i>et al.</i> , 2020	Wild animals used as food source in the region of the Serra do Conduru State Park – PESCS, Bahia, Brazil	Caracterização do uso de animais em comunidades da Bahia	Serra do Canduru, Bahia	ARTIGO	Research Square
57	SANTOS <i>et al.</i> , 2020	Conflicts between humans and wild animals in and surrounding protected área (Bahia, Brazil): na ethnozoological approach	Descrição de conflitos entre animais selvagens e comunidades humanas	Bahia	ARTIGO	Ethnobiology and Conservation
58	HAAS <i>et al.</i> , 2020	Female hunters of the Early Americas.	Estudo arqueológico sobre indícios da participação feminina na caça	--	ARTIGO	Science Advances
59	TORRES <i>et al.</i> , 2018	Conflicts Between humans and Terrestrial Vertebrates: a global review	Revisão sobre conflitos entre animais selvagens e comunidades humanas	Não se aplica	ARTIGO	Tropical Conservation Science
60	REYES-GARCÍA <i>et al.</i> , 2020	"Hunting Otherwise" Women's hunting in two contemporary forager-horticulturalist societies	Participação da mulher e comunidades tradicionais	--	ARTIGO	Human Nature
61	LIMA <i>et al.</i> , 2020	Hunting and use of wildlife species in the semi-arid region of Brazil	Uso de animais cinegéticos por comunidades no semiárido	--	ARTIGO	Amazonia Investiga

3. Resultados e discussão

3.1 Padrões de uso em torno da fauna cinegráfica

O conhecimento e uso da fauna cinegética é diretamente influenciada por aspectos socioeconômicos da região estudada, no entanto, é possível concatenar padrões de uso para os mais diferentes vertebrados, os quais são aproveitados de diferentes formas e preparos. A literatura especializada registra pelo menos dez categorias de interação entre humanos e animais, a saber: zooterapia, etnoveterinária, uso cosmético, uso interação místico-religiosa, criação/domesticação/estimação, comércio, interação ornamental/artesanal, alimentação, lazer e caça de controle (ALVES *et al.*, 2012b; BARBOSA e AGUIAR, 2015).

A zooterapia compreende tanto o uso de remédios produzidos a partir de partes do corpo de animais ou de produtos de seu metabolismo, como secreções corporais e excrementos, quanto o uso de estruturas produzidos por eles como ninhos e casulos para o tratamento de doenças e enfermidades acometidas aos seres humanos (COSTA-NETO, 2011; FISCHER *et al.*, 2018).

No que tange a etnoveterinária, consiste na utilização direta de animais ou seus derivados em tratamentos veterinários alternativos; o uso cosmético consiste na utilização de subprodutos derivados da fauna em tratamentos estéticos; a interação mágico-religiosa é o uso de animais em rituais mágicos e religiosos e a crença do potencial místico de algumas espécies; criação/domesticação, consiste na captura do espécime para manter em cativeiro por afetividade ou utilitarismo; comércio trata-se da venda de animais ou subprodutos derivados; uso ornamental é a utilização de animais como artefatos ou adorno pessoal ou de ambientes; alimentação consiste no aproveitamento nutricional das proteínas e derivados; lazer/recreação é o uso da fauna para atividades de entretenimento e a caça de controle consiste no abate de espécimes consideradas perigosas para a população ou criações domésticas (BARBOSA e AGUIAR, 2015).

No Brasil, o uso de animais na medicina tradicional é amplamente documentado, com registros de utilização que datam do século XVII. As características continentais do país, a alta diversidade biológica e o diversificado patrimônio sociocultural de indígenas e populações tradicionais tornaram representativa a variedade de espécies faunísticas que possuem alguma propriedade medicinal, sendo comercializada como produto da medicina popular. Estima-se que em torno de 9% da obtenção de medicamentos têm origem na zooterapia, sendo que em todo o país mais de 350 (em torno de 354) de espécies são utilizadas com essa finalidade, e apenas no estado da Bahia, a representatividade alcança cerca de 180 animais registrados como recursos medicinais, as quais são distribuídos por 12 categorias taxonômicas (COSTA-NETO, 2011; FERREIRA *et al.*, 2016; FISCHER *et al.*, 2018).

Dentre os vertebrados, é recorrente o uso predominante de mamíferos, aves e répteis, esses últimos que têm grande importância cultural na medicina popular na região nordeste (ALVES *et al.*, 2012a; LIMA *et al.*, 2018). No que compete às doenças tratadas, a literatura tem apontado que na região norte e nordeste há uma maior prevalência de uso de animais para tratar transtornos que acometem o sistema respiratório e osteomuscular. A banha destes animais tem lugar de destaque, mas, muitas vezes são utilizados os animais em sua integridade ou outros produtos como o mel, manteiga,

cera, urina, fezes, carne, pele, ossos, fígado, cauda, moela e ovos (COSTA-NETO, 2011; ALVES *et al.*, 2012a).

A aplicação de animais silvestres em cosméticos e práticas etnoveterinárias tem sido pouco documentadas e muitas vezes perdidas pela falta de interesse das gerações mais jovens que têm acesso a farmacêutica moderna e a tratamentos convencionais. Mas espécies como o Sapo - *Rhinella jimi* (Stevaux, 2002); Cascavel - *Crotalus durissus* Linnaeus, 1758; Camaleão - *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758); Teju - *Tupinambis merianae* Duméril & Bibron, 1839 e Raposa - *Cerdocyon thous* (Linnaeus, 1766) foram indicadas em tratamentos alternativos de animais (etnoveterinária) e espécies como Papagaio - *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758) e Preá - *Cavia aperea* Erxleben 1777 foram relacionadas em tratamentos cosméticos (BARBOSA e AGUIAR, 2015).

Assim como a zooterapia, a relação místico-religiosa entre seres humanos e a fauna data de épocas remotas, o que é evidenciado em pinturas rupestres, uma vez que os animais são representados em uma perspectiva mística de cenas de caçada e outras atividades. De antemão, constata-se que essa interação místico-religiosa é influenciada diretamente pela cultura, sendo uma mescla de elementos do catolicismo popular, culturas indígenas, africanas e europeias (ALVES *et al.*, 2010). Diversos animais se enquadram nessa categoria, dos quais aves, mamíferos, répteis e peixes têm atenção especial. Os fins místico-religiosos dizem respeito ao uso do animal como amuleto, aplicação em rituais afro-religiosos, curas mágicas, adivinhações ou relações simbólicas com animais que trazem má sorte (BARBOSA e AGUIAR, 2012).

A produção de amuletos para combater o "mau olhado", proteger ou trazer boa sorte é feita de parte de animais, sendo geralmente cornos, patas, cauda, chocalho e dentes. A banha (gordura) de alguns répteis é utilizada em preparos mágicos para feitiços e simpatias; aves são empregadas em rituais místicos e de magia-negra, como também são relacionadas a crença de que trazem sorte ou azar; mamíferos são utilizados em ritos de iniciação religiosa (TELES *et al.*, 2013); a literatura ainda registra que animais podem ser usados vivos (como por exemplo o Jabuti - *Chelonoidis carbonaria* ou subprodutos para o tratamento de doenças espirituais através de cura mágicas (BARBOSA e AGUIAR, 2012).

Na categoria uso de interação ornamental, lazer e animal de estimação, as aves têm destaque especial, as quais são apreciadas por sua beleza e canto. Na região nordeste é comum o hábito de criá-las em gaiolas ou viveiros, o que estimula a captura direcionada a este grupo animal (NOBREGA *et al.*, 2011; LIMA *et al.*, 2018).

A caça de controle reflete as interações entre o ser humano e os demais animais a partir de atitudes que podem ser de respeito, admiração e afeto ou de aversão, medo e repugnância. Essas atitudes são influenciadas pelo estilo de vida da pessoa e pela visão que ela tem acerca da posição que o homem ocupa na natureza. A motivação da caça de controle parte dos conflitos que surgem quando as necessidades e o comportamento de animais selvagem geram impactos negativos para populações humanas. As espécies são perseguidas e mortas por apresentarem riscos à saúde de pessoas ou de criações domésticas (especialmente serpentes, felinos e carnívoros), por oferecerem risco de transmissão de doenças, e ainda por causarem prejuízos na agricultura, como por exemplo aves granívoras, roedores e mamíferos de médio porte (MENDONÇA *et al.*, 2011).

Diversas espécies de mamíferos carnívoros e répteis sofrem pressão negativa devido à perseguição humana. Os carnívoros por serem predadores dos animais domésticos e os

répteis que muitas vezes são considerados como verdadeiras pragas, malignos e nocivos às pessoas e às criações domésticas. Entre os répteis, as serpentes merecem atenção especial, tendo em vista que todas são mortas independentemente de serem ou não peçonhentas. Entre o grupo das aves, algumas espécies podem ser abatidas por oferecerem risco a filhotes de bovino, caprinos e ovinos. Entre caçadores, é comum também o abate do tamanduá por oferecer risco aos cães de caça (SANTOS-FITA *et al.*, 2010; FERNANDES-FERREIRA, 2011; MENDONÇA *et al.*, 2011).

As espécies de animais silvestres que são capturadas intencionalmente ou de forma oportunista são aproveitadas em sua totalidade ou em partes. Essa realidade se dá pela necessidade de muitas famílias em acrescentar na alimentação e na renda, o que muitas vezes garante a segurança alimentar (JACOB *et al.*, 2020). A literatura especializada aponta a preferência por mamíferos de médio e grande porte e por aves, respectivamente (CAJAIBA *et al.*, 2015).

Esse padrão pode estar relacionado aos benefícios energéticos dos mamíferos, disponibilidade e valor utilitário, uma vez que é possível aproveitá-los como matéria-prima para tratamentos, fabricação de objetos e comercializá-los. Já as aves são preferidas por sua riqueza e pelo canto. No entanto, os estudos têm apontado que a preferência por um recurso alimentar é influenciada diretamente pelo sabor da carne, sendo que a preferência pelo sabor pode aumentar em até 100% a procura por uma determinada espécie (CAJAIBA *et al.*, 2015; SANTOS *et al.*, 2019; CHAVES *et al.*, 2020).

Os mamíferos mais citados como recurso alimentar são *Euphractus sexcinctus* (tatu-peba), *Mazama americana* (veado-mateiro), *Dasypus novemcinctus* (tatu-verdadeiro), *Galea spixii* (preá), *Hydrochoerus hydrochaeris* (Capivara), *Cuniculus paca* (paca), *Dasypus septemcinctus* (tatuí), *Dasyprocta prymnolopha* (cutia); *Cerdocyon thous* (raposa) e *Tayassu pecari* (queixada). Acerca do grupo das aves as espécies da família Tinamidae são mais recorrentes como alimentos (ex. *Rhynchotus rufescens* (perdiz); *Nothura maculosa* (nambu) e *Nothura boraqueira* (cordona). Aves do gênero *Columbina sp.* (rolinhas) são associadas a um ótimo sabor da carne e frequentemente citadas como preferência alimentar. Entre os répteis, os estudos acerca da caça apontam animais como *Boa constrictor* (jiboia); *Iguana iguana* (camaleão), *Salvator merianae* (teiú) *Chelonoidis carbonaria* (Jabuti). Os animais citados variam de população para população e são influenciados por predileções e aversões alimentares (ALVES *et al.* 2012; FIGUEIREDO; BARROS, 2015; LIMA *et al.* 2018; REIS *et al.* 2018; SANTOS *et al.* 2019; RAMOS *et al.* 2020; SILVA *et al.* 2020)

3.2 Técnicas e métodos de caça

A literatura científica registra diversas técnicas e instrumentos de caça as quais representam uma construção simbólica e tradicional que torna as atividades cinegéticas mais eficientes. O ensino dos modos de captura dos animais, melhores períodos, locais para encontrar as espécies e as formas de aproveitamento são disseminados culturalmente de geração a geração, em que as atividades de caça se iniciam ainda durante a infância quando animais de pequeno porte são caçados como forma de lazer, usando-se estilingues/badogue ou capturados em armadilhas e criados como animais de estimação (BARBOSA e AGUIAR, 2015).

No Brasil, há o registro de pelo menos 39 estratégias de caça, considerando os diversos tipos de estrutura e formato; sendo possível classificá-las em relação à finalidade (aproximação ou captura), autonomia (ativas ou passivas), letalidade (não-letais ou

50 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

letais), seletividade (captura seletiva ou randômica) e abundância das espécies capturadas (captura individual ou gregária) (FERNANDES-FERREIRA, 2014).

O conhecimento acerca das técnicas de caça é uma variável importante que está relacionada tanto à seletividade de espécies por caçadores quanto à quantidade de animais extraídos, quanto ao eventual impacto da atividade cinegética (REIS *et al.*, 2018). A forma de caça mais retratada na literatura especializada é a busca ativa, através do uso de espingardas e auxílio de cães, que permitem um maior retorno de caça (BARBOSA e AGUIAR, 2015; REIS *et al.*, 2018).

A utilização de cães – especialmente os machos da raça perdigueiro – é amplamente difundida em todos os estados do país, em que se utiliza o forrageio de cachorros domésticos na busca, captura ou abate de determinadas espécies. Em alguns casos, o cachorro é treinado para se especializar na caça de determinados animais, recebendo estímulos por meio do odor do espécime em questão. A interação entre caçadores e os animais cinegéticos são influenciados por essa técnica, uma vez que, os cães são utilizados para caçar mamíferos, aves e répteis que serão usados geralmente como recurso trófico ou zoterápicos, no entanto, alguns animais são abatidos durante o evento de caça por oferecerem risco aos cães (BEZERRA, 2011; VASCONCELOS-NETO *et al.*, 2012).

No que diz respeito ao uso das espingardas, são ferramentas universais entre os caçadores, sendo utilizadas tanto na caça ativa quanto na caça passiva. Esta ferramenta, mesmo quando não é usada para matar presas diretamente, é utilizada na defesa pessoal durante as atividades cinegéticas. Logo, a utilização de espingardas e/ou cartucheiras é documentada em diversas culturas, sejam tradicionais ou não tradicionais (ALVES *et al.*, 2009).

Um determinado animal pode ser caçado usando-se diferentes técnicas, sendo que a escolha da tecnologia a ser empregada tem uma dependência direta com o conhecimento da ecologia da espécie e com a capacidade de identificar e rastrear as espécies pelas pistas deixadas. É importante pensar no valor adaptativo do processo de caça, que tornou eficiente a aquisição de proteínas, vestimentas e uso de animais para tratamentos. Nesse ponto, a coevolução das tecnologias de caça com a aquisição de recursos faunísticos é importante para melhor explorar a disponibilidade de animais ao longo do ano, especialmente na Caatinga que apresenta uma sazonalidade característica (ALVES *et al.*, 2009).

Os caçadores geralmente possuem o conhecimento de várias técnicas, e o mesmo animal pode ser caçado de diversas formas, empregando-se técnicas passivas ou ativas. Em uma perspectiva conservacionista as técnicas ativas representam um impacto maior para a fauna, sendo que o uso de cães e das armas de fogo aumentam a eficiência da caça em pelo menos dois pontos, a saber: os caçadores possuem preferências, no entanto, outros animais podem ser capturados ou mortos e quando uma espécie preferida se torna escassa, outras são caçadas em seu lugar (ALVES *et al.*, 2009; FERNANDES-FERREIRA, 2014). É comum que para a aquisição de animais de pequeno porte, sejam utilizadas técnicas passivas, tendo em vista que a manutenção de armas de fogo é custosa para os caçadores (PEREIRA; SCHIAVETTI, 2010).

3.3 A caça como reprodução simbólica e sociocultural

A relação pessoa/animal constitui uma das cinco conexões básicas que toda e qualquer sociedade em qualquer tempo mantém com a natureza, juntamente com a relação estabelecida entre os minerais, recursos botânicos, interações humanas e sobrenaturais (LIMA *et al.*, 2014). O uso de recursos faunísticos pelo ser humano é milenar e se perpetua através de uma relação predatória e/ou de simbiose (LIMA *et al.*, 2018).

A caça é a principal atividade cinegética que permite às populações humanas entrarem em contato com animais silvestres, sendo uma prática desenvolvida desde o início da humanidade, e ainda, empregada por populações tradicionais e não tradicionais de todo mundo na obtenção de proteína animal. Para além de oportunizar a obtenção de recursos tróficos a caça é de fundamental importância para a reprodução física e simbólica de comunidades rurais de diferentes regiões tropicais do planeta, desempenha também importante papel socioeconômico no semiárido nordestino e garante a segurança alimentar de diversas populações (ALVES *et al.*, 2012a; LIMA *et al.*, 2018).

Entende-se que a caça é uma prática material que está intrinsecamente ligada com os sistemas sociais e naturais que compreendem uma população, nesse ponto são levados em consideração os aspectos ambientais, culturais e econômicos que estão em uma organização social e ditam os modos de uso dos recursos naturais (FIGUEIREDO e BARROS, 2016). A caça é caracterizada a partir de suas finalidades podendo ser caça de subsistência, caça amadorista/esportiva/lazer, caça comercial ou caça oportunista (CHAVES *et al.*, 2018).

A caça de subsistência é amplamente praticada por populações tradicionais e rurais em todo o Brasil, tem como finalidade a aquisição de alimentos para saciar a fome; a caça amadorista/esportiva/lazer é realizada com o propósito de entretenimento de pessoas, em que os recursos obtidos são geralmente divididos entre os participantes da atividade ou consumidos como petisco, acompanhado com o consumo de bebidas alcoólicas; a caça com fins comerciais é praticada por pessoas da zona rural ou da zona urbana com fins comerciais e representa uma complementação importante na renda família e a caça oportunista é aquela praticada acidentalmente, quando o caçador está em curso para outras localidades e encontra o animal acidentalmente (PEREIRA e SCHIAVETTI, 2010; ALVES *et al.*, 2012; FERREIRA *et al.*, 2012; CHAVES *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2018).

3.4 Fatores que influenciam a caça

3.4.1 Tabus alimentares associados à fauna cinegética

Tabus são representações de regras sociais não escritas que regulam o comportamento humano. Tratam-se de restrições ou rejeições que governam as atitudes e ações relacionadas a um determinado recurso, desta forma, os tabus relacionados aos recursos naturais são construídos com base na percepção humana de uma determinada espécie. As espécies podem ser evitadas por causa de seus padrões comportamentais, características morfológicas, devido à toxicidade ou simplesmente porque estão envolvidas com mitos e representam símbolos religiosos e fazem parte da cosmologia de uma população (CALDING e FOLKE, 1997; PEZZUTI, 2009).

As representações sociais dos animais influenciam diretamente no modo como os animais são explorados nas diferentes culturas, uma vez que o comportamento humano em relação aos animais é direcionado por valores, conhecimento e percepções acerca das espécies (LIMA *et al.*, 2017). Nesta perspectiva, as pessoas reconhecem e classificam os alimentos que permitem sua subsistência, sendo que esse alimento é classificado em uma escala de preferências que determina a intensidade e a frequência com que as espécies são caçadas, pescadas, cultivadas e consumidas (BRAGA *et al.*, 2016).

A escolha por determinados alimentos recebe influência de diversos fatores como as preferências individuais, fatores ecológicos, econômicos, sociais, culturais e aversões (BRAGA *et al.*, 2016). Os tabus influenciam no manejo de vários componentes do ambiente natural, tendo relação direta com a produtividade da caça na região estudada; influenciam também na vida social e proporcionam em diferentes níveis a proteção de comunidades biológicas e de algumas espécies (PEZZUTI, 2009). Em relação à perspectiva de conservação da fauna, Begossi (1992) aponta que os tabus alimentares que promovem a rejeição do consumo de algumas espécies, as torna disponíveis na natureza, facilitando a sua captura em momentos de necessidades devido à alta abundância.

Diferentes associações às características da fauna silvestre são apontadas para explicar os tabus alimentares. Neste ponto, os animais são evitados devido à presença de toxicidade, parasitas, teor de gordura que contêm, posição na cadeia alimentar que o animal ocupa e seu estado de conservação (BARBOZA *et al.*, 2014). Tanto a disponibilidade da fauna local em abundância e riqueza, quanto o acesso a outras proteínas são apontadas como explicação para ausência ou presença de tabus. Quando os recursos alimentares são escassos as restrições tendem a relaxar, ou seja, as dietas ficam mais diversificadas e a presença de tabus não ocorrem com frequência (BEGOSSO *et al.*, 2004; PRADO *et al.*, 2017).

Em estudos que levam em consideração a suscetibilidade de caçadores de comunidades rurais em preferir ou evitar determinadas caças, é apontado que as espécies mais suscetíveis para o abate, são aquelas mais preferidas em relação à textura, cheiro e sabor da carne. Por outro lado, padrões culturais tidos como costumes, crenças, mitos, tradições familiares e hábitos também são apontados para explicar as preferências e aversões (FIGUEIREDO e BARROS, 2015). Essa mesma perspectiva é percebida quando são considerados os fatores que influenciam a utilização de aves como recurso trófico, sendo as preferências ditadas pelo comportamento da espécie, crença religiosa e simbolismos (LOSS *et al.*, 2014).

Independente do táxon estudado é preciso ponderar que no interior de uma comunidade há normas aceitas sobre a classificação simbólica dos alimentos, e, sobretudo, que o homem está longe de "comer de tudo". Desta forma, os hábitos e escolhas alimentares respondem a um imperativo biológico, mas também são influenciados por elementos culturalmente construídos (FIGUEIREDO e BARROS, 2016).

Os tabus alimentares são classificados em relação à fase da vida dos indivíduos de uma população e levando em consideração o acesso aos recursos. Nesta perspectiva, os tabus são classificados como: I) tabus segmentares, que regulam a utilização de um recurso em função de idade, sexo, status social ou outras condições específicas; II) tabus de método, que regulam as técnicas de obtenção dos recursos naturais; III) tabus de história de vida, que restringe o uso de uma espécie apenas em determinado momento

da vida; IV) tabus de habitat, que coíbe o acesso aos recursos em algumas áreas; V) tabus temporais; que restringe o tempo de acesso; e, VI) tabus específicos, que protege determinadas espécies (COLDING e FOLKE, 2000; PEZZUTI, 2004).

Em alguns estudos, a classificação dos tabus é feita de forma mais objetiva, dividindo os tabus alimentares em permanentes ou temporários (segmentares). Os primeiros são aqueles que se estendem por toda a vida dos indivíduos de um grupo, ou seja, as espécies alvo de tabu são evitadas de forma permanente independentemente do estágio da vida da população estudada. Já os tabus temporários estão relacionados a determinados momentos da vida como a gravidez, menstruação, puerpério, puberdade ou situações que a pessoa se encontra com machucados e inflamações (SILVA, 2007; FIGUEIREDO e BARROS, 2016).

As questões socioculturais podem levar os indivíduos a definir as espécies de acordo com suas preferências, tratando os animais como repugnantes em algumas regiões, seja pelo cheiro, sabor ou dieta que a espécie possua. Outras espécies podem ser consideradas reimosas, ou seja, animais que quando consumidos podem provocar ou agravar o surgimento de doenças e inflamações. Há também espécies consideradas panemas, que dão azar ao caçador e são evitadas para consumo; e, por último as espécies embaras que são pouco preferidas devido ao rendimento reduzido da carne (CHAVES *et al.*, 2018).

O cheiro da carne, em alguns casos, representa a característica mais significativa para restringir ou aumentar o consumo de espécies silvestres. O mau cheiro próprio de alguns animais ao serem manipulados ou preparados promove a diminuição da pressão da caça a estes animais (LEMOS *et al.*, 2018).

Dentre essas categorias de tabus alimentares citadas a “reima” – também chamada de “carregado” – é a categoria mais compreendida e estudada. Os valores simbólicos da reima existem dentro de comunidades locais, sendo passados de geração para geração, são considerados como a característica de certos alimentos em causar adoecimento, desconforto físico e agravar situações específicas como ferimentos e inflamações. Desta forma, os alimentos reimosos ou carregados afetam o corpo através da manifestação de doenças ou sofrimento (LARREA-KILLINGER *et al.*, 2019).

Em um estudo com indígenas da etnia Kiriri do norte da Bahia, os alimentos considerados reimosos ou carregados estão diretamente relacionados à compreensão de alimentos gordurosos, rançosos; como também estão ligados a animais que possuem hábitos alimentares generalistas (PACHECO, 2011). Em relação aos animais alvo de caça que são considerados reimosos, percebe-se que apresentam em comum o hábito de se alimentarem de matéria em decomposição, serem carnívoros ou detritivos (BRITO-JÚNIOR e ESTÁCIO, 2013).

Partindo para uma abordagem ecológica em torno dos tabus alimentares é recorrente na literatura especializada que as restrições alimentares consistem em estratégias adaptativas que contribuem para a conservação e manejo de recursos naturais, sobretudo, protegendo algumas espécies de animais, sejam elas espécies ameaçadas de extinção, endêmicas ou que desempenham um papel importante no ecossistema (LARREA-KILLINGER *et al.*, 2019). No entanto, o efeito ecológico dos tabus alimentares na redução da intensidade de caça, algumas vezes, é questionado devido à falta de dados empíricos e ao pequeno impacto nutricional dos tabus alimentares nas dietas (HANAZAKI e BEGOSSI, 2006).

3.4.2 Abundância, preferência pelo sabor e custo-benefício

Foi supracitado, brevemente, que a preferência pelo sabor, abundância e custo-benefício são variáveis diretamente relacionadas com os sistemas de caça. Resultados recentes demonstraram que caçadores tendem a maximizar um conjunto de variáveis objetivas e subjetivas para obterem melhor retorno dos animais caçados (ALBUQUERQUE *et al.*, 2019; CHAVES *et al.*, 2020).

As aves, por exemplo, formam um grupo taxonômico que recebe uma alta pressão de caça devido a sua maior abundância e diversidade, quando comparado com os demais grupos de vertebrados. Diversos autores apontam a preferência das aves sejam como recursos tróficos, como animais de estimação ou no tráfico de animais, perspectiva que é reforçada pela qualidade da carne das aves cinegéticas, pelas características de canto e plumagem (GARDA *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2020).

O tamanho corporal acaba influenciando a caça de forma significativa, moldando as escolhas de caçadores para mamíferos e aves de médio e grande porte. A literatura assume que a preferência por animais maiores consiste em uma estratégia para obter um maior retorno energético. Alguns resultados apontam que a preferência por animais de médio e grande porte aumenta, quando há preferência pela carne de caça e o animal tem o hábito de formar bandos (REIS *et al.*, 2018; LIMA *et al.*, 2018). Chaves e colaboradores (2020) apontaram em seu estudo que as chances de uma espécie ser caçada aumenta em 12 vezes com o aumento da abundância percebida; a preferência pelo sabor aumenta em 109% a intensidade de caça e o custo-benefício em caçar a espécie aumenta em 7% as chances de uma espécie ser caçada (CHAVES *et al.*, 2020).

Desta forma, percebe-se que priorizar espécies mais abundantes representa uma estratégia para minimizar o gasto energético com rastreamento e perseguição; já usar espécies maiores consiste em uma forma de aproveitar o animal em sua integralidade, seja pela maior quantidade de carne ou aproveitamento de partes em outras categorias de uso, como ornamentação e zooterapia (REIS *et al.*, 2018; LIMA *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019; CHAVES *et al.*, 2020; RAMOS *et al.*, 2020).

3.4.3 Crenças e folclore

Em algumas culturas humanas, a caça envolve uma série de folclores, mitos e crenças, que, de certa forma, auxiliam na sobrevivência de determinadas espécies em detrimento de outras (BELTRÃO e GUERRA, 2003). Assim, vários animais são utilizados em oferendas como sacrifício, e suas partes corporais são essenciais na produção de amuletos mágicos e abluções nasais, assumindo significado simbólico que perpassa os conceitos de bom ou mau e poderoso ou brando (MOAZAMI, 2005).

As práticas culturais tradicionais ligadas às crenças representam uma forma de regular o uso sustentável dos recursos e de promover a conservação ambiental (KIDEGHESHO, 2009; MAFFI e WOODLEY, 2010). A literatura aponta que o uso dos recursos faunísticos não é baseado tão somente na racionalidade, mas recebe influência das crenças e mitos (LIMA *et al.*, 2014). Robson e Berkes (2010) observaram que a diversidade cultural e as necessidades espirituais há muito estão conectadas às maneiras como os humanos usam e interagem com a biodiversidade e, em muitas partes do mundo, a crença em uma natureza sagrada sustenta a relação das pessoas com a terra e os recursos.

Em Portugal, por exemplo, a imagem do lobo (*Canis lúpus signatus* Cabrera, 1907) como um animal sanguinário e demoníaco é influenciado por valores negativos, folclore e

mitologias, sendo percebido como uma ameaça à pecuária da região. O medo e a competição por comida criam um conflito entre o lobo e o homem, levando à caça e extermínio deliberado dessa espécie (ÁLVARES, 2004). Também em Portugal, é relatado que uma espécie de Lagartixa-*Hemidactylus turcicus* (Linnaeus, 1758) é relacionada com o folclore, onde a população acredita que a espécie causa doenças na pele possui a capacidade de envenenar a água e é considerada de aparência repugnante, o que impacta de forma negativa a espécie.

Em outro estudo desenvolvido em mercados e “terreiros” de algumas capitais e grandes cidades do Norte e Nordeste do Brasil, é relatado o uso de animais para fins culturais, em que as crenças envoltas aos animais levam a uma pressão insustentável a fauna silvestre do local. São evidenciados 129 animais distribuídos em 12 categorias taxonômicas, incluindo vertebrados e invertebrados, sendo relacionados a crenças e práticas religiosas (ALVES *et al.*, 2012c).

No Brasil, há estudos que apontam que crenças populares inibem a pressão de caça em espécies como a Lavandeira-*Fluvicola nengeta* (Linnaeus, 1766) que é considerada uma ave abençoada e protegida por Nossa Senhora ou Jesus Cristo; a Coruja *Hydropsalis albicollis* (Gmelin, 1789), que é evitada em algumas comunidades por ser um animal de hábitos noturnos, havendo a crença de quem consumi-la sofrerá de insônia (LOSS *et al.*, 2014; BONFIM *et al.*, 2021). Em um estudo com caçadores quilombolas da região Norte foi constatado que a espécie *Tapirus terrestres* Linnaeus, 1758 é fortemente rejeitada devido à crença de que é um animal perigoso e tem o poder sobrenatural de se transformar em vários outros animais, o que torna o consumo da carne ofensivo (FIGUEIREDO e BARROS, 2015).

Portanto, as crenças e o folclore são variáveis importantes baseadas em visões de mundo particulares, valores culturais e espirituais que influenciam na prática da gestão de ecossistemas, sendo necessárias levar em consideração para formular políticas públicas, elaborar projetos educativos e sobretudo entender a relação do ser humano com a fauna (VERSCHUUREN, 2006).

3.4.3 Influência do gênero nas atividades cinegéticas

Diversos estudos etnozoológicos apontam que variáveis sociodemográficas influenciam no conhecimento acerca da ecologia de animais, uso de recursos faunísticos e padrões ligados à caça. As pesquisas apontam que o perfil sociodemográfico do caçador pode afetar a eficiência de caça (FRANCESCONI *et al.*, 2018; NUNES *et al.*, 2020), número de espécies caçadas (TEIXEIRA *et al.*, 2020), conhecimento acerca de recursos faunísticos (SANTOS *et al.*, 2020), número de técnicas de caça (BARBOSA *et al.*, 2020), percepção da abundância de um recurso (SILVA-NETO *et al.*, 2016) e preditores de conflitos entre pessoas e animais selvagens (TORRES *et al.*, 2018).

A literatura aponta que a caça é geralmente praticada por homens, sendo comum entre populações tradicionais ou comunidades ligadas ao campo; vale ressaltar que embora a caça esteja tradicionalmente ligada ao sexo masculino não é restrita a ele (TEIXEIRA *et al.*, 2020). Descobertas arqueológicas têm apontado que este comportamento predominante do homem-caçador é uma motivação cultural recente, uma vez que comunidades de caçadores-coletores ancestrais encorajavam contribuições de todos os indivíduos capazes, sejam mulheres, homens ou crianças (HAAS *et al.*, 2020).

Em um estudo de caso sobre o envolvimento feminino na caça é apontado a participação de mulheres em muitas atividades cinegéticas em todo o mundo, seja encorajando a caça, realizando rituais, rastreando presas feridas, preparando a caça ou apoiando os caçadores. Nesse mesmo estudo, os resultados apontaram que as mulheres assumiam o papel de caçadora, no entanto, abatiam uma diversidade menor de espécies e conseguiam um rendimento de caça inferior quando comparadas aos homens (REYES-GARCÍA *et al.*, 2020). Em relação às diferenças do conhecimento de espécies entre homens e mulheres, isso depende de cada estudo desenvolvido. Na pesquisa de Santos (2020) e de Lima e colaboradores (2020) não houve diferenças significativas entre os dois grupos; já em outro estudo de caso, homens apresentaram maior conhecimento acerca da diversidade de espécies e valor de uso (SANTOS *et al.*, 2020).

4. Considerações finais

A caça é uma importante atividade cinegética que permite populações humanas entrarem em contato com animais silvestres em diversos países do mundo. Em algumas populações tradicionais garante a segurança alimentar e é fundamental para a reprodução física e simbólica das comunidades humanas. Os sistemas de caça são diretamente influenciados por aspectos ecológicos, sociais e culturais de cada local, exercendo diferentes pressões nas espécies.

No que diz respeito aos padrões de uso da fauna, percebe-se que variam de região para região, e cada animal pode ser incluído em mais de uma categoria de uso. Desta forma, mamíferos, aves, anfíbios e répteis são utilizados como alimentos, zooterápicos, animais de estimação, são traficados (comércio), estão presentes em rituais mágicos e religiosos, são transformados em amuletos, ornamentos e vestuários. Da mesma forma, as estratégias e métodos de caça empregados dependem de cada presa sempre visando maximização da caça, com predominância do uso de armas de fogo e de cães.

A produção científica sobre a caça e uso de recursos faunístico é vasta e aponta que a interação do ser humano com os animais é influenciada por fatores subjetivos ligados à cultura como o folclore, crenças e tabus alimentares. E em uma perspectiva utilitária variáveis como a abundância da espécie, tamanho corporal e preferência pelo sabor estão diretamente ligados à caça. No mais, a etnozootologia tem contribuído de forma significativa para entender padrões de caça gerais e na identificação de espécies vulneráveis à pressão de caça, sendo que a elaboração de políticas públicas e de projetos educativos perpassam a compreensão dos aspectos simbólicos e visão de mundo que cada comunidade humana possui acerca da fauna.

5. Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio oferecido à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução (PPGEcoEvol/UEFS).

Referências –

ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M.; FERREIRA-JUNIOR, W. S.; SILVA, T. C.; SILVA, R. R. V.; SOUZA, T. G. Social-Ecological Theory of Maximization: basic concepts and two initial models. **Biological Theory**, p. 1-13, 2019.

ÁLVARES, F. **O lobo no imaginário popular**. Serra da Aboboreira - a terra, o homem e os lobos, p. 135-145, 2004.

ALVES, R. R. N.; GONÇALVES, M. B. R.; VIEIRA, W. L. S. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido brasileiro. **Tropical Conservation Science**, v. 05, n. 03, p. 394-416, 2012a.

ALVES, R. R. N.; MENDONÇA, L. R. T.; CONFESSOR, M. V. A.; VIEIRA, W. L. S.; LOPEZ, L. C. S. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 05, n. 12, p. 1-16, 2009.

ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L.; LÉO-NETO, N. A.; VOEKS, R. Animals for the Gods: Magical and Religious Faunal Use and Trade in Brazil. **Human Ecology**, v. 40, n. 5, p. 751-780, 1 out. 2012c.

ALVES, R. R. N.; SOUSA-NETA, R. O.; TROVÃO, D. M. B. M.; BARBOSA, J. E. L.; BARROS, A. T.; DIAS, T. L. P. Traditional uses of medicinal animals in the semi-arid region northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 08, p. 1-7, 2012b.

ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. **A Etnozoologia no Brasil: Importância, Status atual e perspectivas**. NUPEEA. Recife, 2010.

BARBOSA, J. A. A.; AGUIAR, J. O. Conhecimento e usos da fauna por caçadores no semiárido brasileiro: um estudo de caso no estado da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Biotemas**, v. 28, n. 01, p. 137-148, 2015.

BARBOZA, R. S. L.; BARBOZA, M. S. L.; PEZZUTI, J. C. B. Aspectos culturais da zooterapia e dieta alimentar de pescadores artesanais do litoral paraense. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 24, n. 02, p. 253-266, 2014.

BEGOSSI, A. Food taboos at Búzios Island (Brazil): their significance and relation to folk medicine. **Journal of Ethnobiology**, v.12, n.1, p.117-139, 1992.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N. RAMOS, R. M. Food chain and the reasons for fish food taboos among amazonian and atlantic forest fishers (Brasil). **Ecological Applications**, v. 14, n. 05, p. 1334-1343, 2004.

BELTRÃO, J. F.; GUERRA, G. A. D. **De antas e outros bichos: expressão do conhecimento nativo**. Belém: Textos do NEAF - Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar, 2003.

BEZERRA, D.M.M.S.Q. **O uso de aves por Sertanejos e sua disponibilidade em ambientes de Caatinga**. João Pessoa – PB, 151p. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba. 2011.

BONFIM, A. F.; ANDREA, M. V.; ALMEIDA, R.; OLIVEIRA, K. N.; LEMOS, M. S.; ANICETO, E. S. Saber sobre pássaros: um entendimento etnoornitológico dos moradores do povoado de catuni da estrada, município de Jaguarari, no sertão baiano. **Revista Ouricuri**, Juazeiro, Bahia, v. 11, n 01, p. 29-50, 2021.

BRAGA, T. M. P.; SILVA, A. A.; REBÉLO, G. H. Preferências e tabus alimentares no consumo de pescado em Santarém, Brasil. **Novos Cadernos NAEA**, v. 19, n. 03, p. 189-204, 2016.

BRANCO, S. M. **Ecosistêmica**. São Paulo: Editora Blucher, 2014.

BRITO-JÚNIOR, L. C. B.; ESTÁCIO, A. G. Tabus alimentares em medicina: uma hipótese para fisiopatologia referente aos alimentos remosos. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 59, n. 09, p. 213-216, 2013.

CAJAIBA, R. L.; SILVA, W. B.; PIOVESAN, P. R. R. Animais silvestres utilizados como recurso alimentar em assentamentos rurais no município de Uruará, Pará, Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 34, p. 157-268, 2015.

CHAVES, L. S.; ALVES, R. R. N.; ALBUQUERQUE, U. P. Hunters' preference and perceptions as hunting predictors in a semiarid ecosystem. **Science of the Total Environment**, p. 1-8, 2020.

CHAVES, W. A.; SILVA, F. P. C.; CONSTANTINO, P. A. L.; BRAZIL, M. V. S.; DRUMOND, P. M. A caça e a conservação da fauna silvestre no estado do Acre. **Biodiversidade Brasileira**, v. 08, n. 02, p. 130-145, 2018.

COLDING, J., E FOLKE, C. The Taboo System: Lessons About Informal Institutions for Nature Management. Georgetown Int'L. **Envtl. Law Review**, v. 12, p. 413-445, 2000

COLDING, J.; FOLKE, C. The relations among Threatened Species, their protections, and taboos. **Conservation Ecology**, v. 01, n. 01, p. 1-19, 1997.

CONSTA-NETO, E. M. A zooterapia popular no Estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 1639-1650, 2011.

CONSTANTINO P. A. L. Subsistence hunting with mixed-breed dogs reduces hunting pressure on sensitive amazonian game species in protected areas. **Environmental conservation**, v. 12, p. 1-7, 2018.

FERNADES-FERREIRA, H. **Atividades cinegéticas em um brejo de altitude no nordeste do brasil**: etnozoologia e conservação. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas). Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2011.

FERNANDES-FERREIRA, H. **A caça no Brasil**: panorama histórico e atual. 466 f. Tese (Doutorado em Zoologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 466 f, 2014.

FERREIRA, D. S. S.; CAMPOS, C. E. C.; ARAÚJO, A. S. Aspectos da atividade de caça no assentamento Rural Nova Canaã, município de Porto Grande, Estado do Amapá. **Biota Amazônia**, Macapá, v. 02, n. 01, p. 22-31, 2012.

FERREIRA, F. S.; BRITO, S. V.; ALMEIDA, W. O.; ALVES, R. R. N. Conservation of animals traded for medicinal purposes in Brazil: can products derived from plants or domestic animals replace produtos of wild animals?. **Reg Environ Change**, v. 16, p. 543-551, 2016.

FIGUEIREDO, R. A. A.; BARROS, F. B. Caçar, preparar e comer o 'bicho do mato': práticas alimentares entre os quilombolas na Reserva extrativista Ipaú-Anilzinho (Pará). **Bol. Mus. Para Emílio Goeldi. Cienc.**, Belém, v. 11, n. 03, p. 691-713, 2016.

FISCHER, M. L.; PALODETO, M. F. T.; SANTOS, E. C. Uso de animais como zoterápicos: uma questão bioética. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 01, p. 217-243, 2018.

FRANCESCONI, W.; BAX, V, BLUNDO-CANTO, G.; WILLCOCK, S.; CUADROS, S.; VANEGAS, M.; QUINTERO, M.; TORRES-VITOLAS, C. A. Hunters and hunting across indigenous and

colonist communities at the forest-agriculture interface: an ethnozoological study from the Peruvian Amazon. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 14, 2018.

GARDA, A. A.; LION, M. B.; LIMA, S. M. Q.; MESQUITA, D. O.; ARAUJO, H. F. P.; NAPOLI, M. F. Os animais vertebrados do Bioma Caatinga. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 04, 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

HAAS, R.; WATSON, J.; BOUNASERA, T.; SOUTHON, J. CHEN, J. C.; NOE, S.; SMITH, K.; LIAVE, C. V.; EERKENS, J.; PARKER, G. Female hunters of the Early Americas. **Science Advances**, v. 06, 2020.

HANAZAKI, N.; BEGOSSI, A. Catfish and mullets: the food preferences and taboos of caiçaras (Southern atlantic forest coast, Brazil). **Interciência**, Caracas, v. 31, n. 02, 2006.

JACOB, M. C. M.; FEITOSA, I. S.; ALBUQUERQUE, U. P. Animal-based food systems are unsafe: severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) fosters the debate on meat consumption. **Public Health Nutrition**, v. 23, p. 3250-3255, 2020.

KIDEGHESHO, J. R. The potentials of traditional African cultural practices in mitigating overexploitation of wildlife species and habitat loss: experience of Tanzania. **International Journal of Biodiversity Science & Management**, v. 5, n. 2, p. 83-94, 21 jul. 2009.

LARREA-KILLINGER, C.; FREITAS, M. C. S.; RÊGO, R. C. F. Reima: proibição de alimentos em comunidades de pescadores na Bahia, Brasil. **Revista de Alimentação e Cultura das Américas, Brasília**, v. 01, n.01, p. 46-71, 2019.

LEMO, L. P.; EL BIZRI, H. R. AMARAL, J. V.; SANTOS, A. S.; KOGA, D. M.; SILVA, F. E. Caça de vertebrados no Parque Nacional da Serra do Divisor, Acre. **Biodiversidade Brasileira**, v. 08, n. 01, p. 69-88, 2018.

LIMA, J. R. B.; FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. Contribuições da Etnozoologia para a conservação da fauna silvestre. **Revista Ouricuri**, v. 03, n. 03, p. 048-067, 2014.

LIMA, J. R. B.; REBOUÇAS, P. L. O.; SANTOS, C. A. B. Hunting and use of wildlife species in the semi-arid region of Brazil. **Amazonia Investiga**, v. 09, p. 9-21, 2020.

LIMA, J. R. B.; SANTOS, C. A. B.; ALMADA, E. D.; COSTA-NETO, E. M. Percepções e crenças sobre fauna cinegética em uma região semiárida do Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 08, n. 03, p. 23-30. 2017.

LIMA, R. J. P.; BARBOSA, E. D. O.; CHAVES, M.; F. Atividades de caça no semiárido potiguar sob a perspectiva de estudantes. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 21, 2018.

LOSS, A. T. G.; COSTA-NETO, E. M.; FLORES, F. M. Aves silvestres utilizadas como recurso trófico pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Teresinha, Bahia, Brasil. **Gaia Scientia**, volume especial, p. 1-14, 2014.

MAFFI, L.; WOODLEY, E. **Biocultural diversity conservation**: a global sourcebook. Londres: Earthscan, 2010.

MENDONÇA, L. E. T.; SOUTO, C. M.; ANDRELINO, L. L.; SOUTO, W. M. S.; VIEIRA, W. L. S.; ALVES, R. R. N. Conflitos entre pessoas e animais silvestres no semiárido paraibano e suas implicações para conservação. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, Feira de Santana, v. 11, p. 185-199, 2011.

MOAZAMI, M. Evil Animals in the Zoroastrian Religion. **History of Religions**, v. 44, n. 4, p. 300–317, 17 maio 2005.

NOBREGA, V. A.; BARBOSA, J. A. A.; ALVES, R. N. Utilização de aves silvestres por moradores do município de Fagundes, Semiárido paraibano: uma abordagem etnoornitológica. **Sitentibus Série Ciências Biológicas**, Feira de Santana, v. 11, n. 02, p. 125-175, 2011.

NUNES, A. V.; SANTOS, L. G. R. O.; SANTOS, B. A.; PERES, C. A.; FISCHER, E. Socioeconomic Drivers of Hunting Efficiency and use of space by traditional amazonias. **Human Ecology**, v. 48, p. 307-315, 2020.

PACHECO, S. S. M. Interdições alimentares em situações de liminaridade entre os índios Kiriri do sertão da Bahia. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 05, n. 01, p. 57-68, 2011.

PEREIRA, J. P. R.; SCHIAVETTI, A. Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas “Tupinambá de Olivença” (Bahia). **Biota Neotropical**, v. 10, n. 01, p. 175-183, 2010.

PEZZUTI, J. C. B. Manejo de caça e a conservação da fauna silvestre com participação comunitária. **Paper do NAEA**, n. 235, p. 1-16, 2009.

PEZZUTI, J. Tabus alimentares, in BEGOSSI, A. (org.), **Ecologia de pescadores da Amazônia e da Mata Atlântica**. São Paulo, Hucitec, p. 167-86, 2004.

PRADO, D. P.; ZEINEDDINE, G. C.; VIEIRA, M. C.; BARRELLA, W.; RAMIRES, M. Preferências, tabus alimentares e uso medicinal de peixes na reserva de desenvolvimento sustentável Barra do Uma. São Paulo. **Ethnoscientia**, v. 02, p. 1-16, 2017.

RAMOS, C. G. S.; SANTOS, R. B.; SANTOS, R. W. C.; OLIVEIRA, M. A. Hunting in a Community of waste pickers of recyclable materials in Rondonia Brazil. **Revista Brasileira de Ciências da Amazônia**, v. 09, n. 08, p. 1-15, 2020.

REIS, Y. S.; VALSECCHI, J.; QUEIROZ, H. Caracterização do uso da fauna silvestre para subsistência em uma unidade de conservação no Oeste do Pará. **Biodiversidade Brasileira**, v. 08, n. 02, p. 187-202, 2018.

REYES-GARCÍA, V. DÍAZ-REVIRIEGO, I.; DUDA, R.; FERNÁNDEZ-LLAMAZARES, A. GALLOIS, S. “Hunting Otherwise” Women’s hunting in two contemporary forager-horticulturalist societies. **Human Nature**, 2020.

RIBEIRO, A. S. S. *et al.* Utilização dos recursos naturais por comunidades humanas do Parque Ecoturístico do Guamá, Belém, Pará. **Acta Amazônica**, v.37, n. 2, p. 235-240, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/aa/a/DV5GSCp5yjwt5t5jJ9fYYvSQ/?lang=pt>>. Acesso em junho de 2020.

ROBSON, J. P.; BERKES, F. Sacred nature and community conserved areas. In: **Nature and Culture**. [s.l.] Routledge, 2010. p. 215–234.

SANTOS, J. S.; TEIXEIRA, J. V. S.; GUANAES, D. H. A.; ROCHA, W. D.; SCHIAVETTI, A. Conflicts between humans and wild animals in and surrounding protected área (Bahia, Brazil): na ethnozoological approach. **Ethnobiology and Conservation**, v. 09, n. 05, 2020.

SANTOS, M. A. A.; SANTOS, C. A. F.; SERIQUE, N. S.; LIMA, R. R. Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v. 08, n. 17, p. 202-220, 2020.

61 A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO

SANTOS, M. K. P.; MIRANDA, C. R. C.; SAMPAIO, D. T. Comércio de caça na região da estação ecológica Raso da Catarina, Bahia, Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, v. 08, n. 01, p. 53-68, 2018.

SANTOS, S. S.; LUCENA, R. F. P.; SOARES, H. K. L.; SOARES, V. M. S.; SALES, N. S.; MENDONÇA, L. E. T. Use of mammals in a semi-arid region of Brazil: na approach to the use value and data analysis for conservation. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 15, p. 1-14, 2019.

SANTOS-FITA, D. S.; COSTA-NETO, E. M.; SCHIAVETTI, A. "Offensive"snakes: cultural geliefs and practices related to snakebites in a Brazilian rural sttliment. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 6, n. 13, 2010.

SILVA, A. L. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do médio Rio Negro (Amazonas, Brasil). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 01, 2007.

SILVA, S. J.; NASCIMENTO, A. L. B.; ALVES, R. R. N.; ALBUQUERQUE, U. P. Use of game fauna by Fulni-ô people in Northeastern Brazil: implications for conservation. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, n. 18, p. 1-11, 2020.

SILVA-NETO, B. C. *et al.* Assessment of the hunting of mammals using local ecological knowledge: an example from the Brazilian semiarid region. **Environment Development and Sustainability**, v. 19, n. 05, p. 1795-1813 2017. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10668-016-9827-2>>. Acesso em 12 jan de 2021.

TEIXEIRA, J. V. S.; SANTOS, J. S.; GUANAES, D. H. A.; ROCHA, W. D.; SCHIAVETTI, A. Wild animals used as food source in the region of the Serra do Conduru State Park – PESC, Bahia, Brazil. **Research Square**, p. 1.25, 2020.

TELES, D. A.; RODRIGUES, J. K.; TELES, E. A. Uso místico – religioso da fauna comercializada em feiras livres nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte, Ceará, Nordeste do Brasil. **Etnobiología**, v. 11, n. 03, p. 28-33, 2013.

TERENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO-FILHO, E. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. IN: ECONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26, Fortaleza, **Anais do Evento**, Fortaleza, 2006.

TORRES, D. F.; OLIVEIRA, E. S.; ALVES, R. R. N. Conflicts Between humans and Terrestrial Vertebrates: a global review. **Tropical Conservation Science**, v. 11, v. 1-15, 2018.

VASCONCELOS-NETO, C. F. A.; SANTOS, S. S.; SOUSA, R. F.; FERNANDES-FERREIRA, H; LUCENA, R. F. P. A caça com cães (*Canis lúpus familiaris*) em uma região do semiárido do nordeste do Brasil. **Revista de Biologia e Farmácia**, volume especial, p. 1-17, 2012.

VERSCHUUREN, B. An overview of cultural and spiritual values in ecosystem management and conservation strategies. **Endogenous Development and Biocultural Diversity**, 2006.

Recebido em: 04/03/2022

Aprovado em: 14/06/2021

Publicado em: 21/08/2021